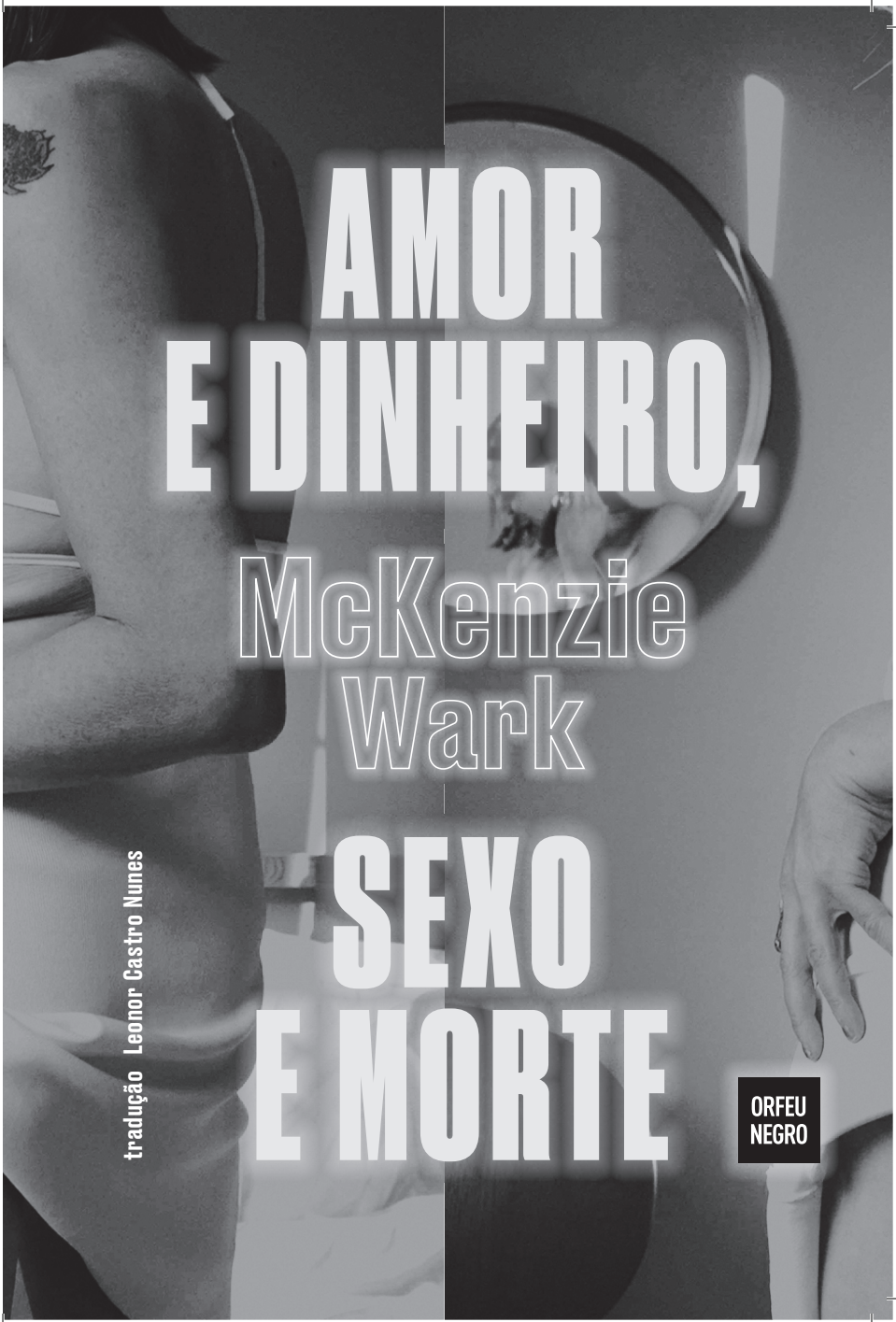

AMOR
E DINHEIRO,
McKenzie
Wark
SEXO
E MORTE
tradução Leonor Castro Nunes
ORFEU
NEGRO

TÍTULO ORIGINAL
Love and Money, Sex and Death (A Memoir)

AUTORA
McKenzie Wark

TRADUÇÃO
Leonor Castro Nunes

REVISÃO
João Berhan

CONCEPÇÃO GRÁFICA
Rui Silva

CAPA E CONTRACAPA
Montagem de Rui Silva sobre fotografia de Z. Walsh

PAGINAÇÃO
Rita Lynce

IMPRESSÃO
Lidergraf – Artes Gráficas

COPYRIGHT
© 2023 McKenzie Wark
Publicado por acordo com a editora Verso
através da Ilídio Matos Agência Literária
© 2026 Orfeu Negro

1.ª EDIÇÃO
Lisboa, Novembro 2026

DL 572443/26
ISBN 978-989-9225-80-0

ORFEU NEGRO
Rua Silva Carvalho, n.º 152 – 2.º
1250-257 Lisboa | Portugal
www.orfeunegro.org

ÍNDICE

0.1 (Para McKenzie) 7

MÃES

1.1 (Para Joyce) 23

1.2 (Para Joyce) 39

1.3 (Para Sue) 53

AMANTES

2.1 (Para Mu) 71

2.2 (Para Christen) 87

2.3 (Para Jenny) 107

OUTRAS

3.1 (Para Veronica) 129

3.2 (Para Venus) 151

3.3 (Para Cibele) 173

POSTSCRIPT

4.1 (Para McKenzie) **193**

4.2 Anexos **215**

Créditos das fotografias **221**

0.1
(PARA MCKENZIE)

Quando Little Richard veio tocar à nossa cidade natal, deixou-nos uma espécie de presente. Veio a Newcastle na sua digressão australiana, em 1957, quatro anos antes de teres nascido. Era uma chama revolta e impetuosa, o ícone de uma coisa nova chamada *rock and roll*. Depois, a sua vida deu uma reviravolta ao atravessar as águas do nosso porto.

A tua vida também vai dar algumas voltas. Escrevo-te isto a partir do teu próprio futuro, ou pelo menos de um dos futuros possíveis. Uma carta a uma jovem poeta, que sou eu há quarenta anos, ainda não tinha vinte. Uma carta que serve de introdução a muitas outras, dirigidas a outras pessoas, sobre amor e dinheiro, sexo e morte.

Tu — de ti, afinal, o que é que me ficou? É provável que os nossos eus passados sejam versões extensamente revistas. Deixa-me ver que peças consigo juntar.

Vou tentar não te dar conselhos, porque nunca os aceitarias. Nunca os pediste. És incapaz de te deixares guiar. Há muitas pessoas que te vão dar a mão. Talvez vejam a ferida que te impede de pedir ajuda. Vão ajudar-te apesar da tua indiferença, até da tua resistência em receberes cuidado. Em aceitares amor.

Não pensas muito sobre isto, mas tenho de insistir: perdemos a nossa mãe cedo e nunca gostámos muito do nosso pai, distante e irritável. Os dois adultos da linha da frente, que deveriam estar ali para nós, a proteger-nos do mundo, não estiveram. Isso tornou-nos uma pessoa desconfiada, desligada, dissociada. Pesquisa esta última palavra, explica muita coisa. Como o *Kimba the White Lion*, aquele desenho animado que adoravas na tua infância, sentes-te sozinho no mundo.

Já é óbvio para ti que é má ideia um mundo que depende de pequenas unidades familiares isoladas e sujeitas aos caprichos do mercado e da doença. Queres um mundo melhor. O passado magoou-te, por isso segues em frente e queres que o mundo siga também. Ainda não aprendeste a viver no presente, por isso vives no nada de um ainda-não permanente.

A tua família lambeu as próprias feridas depois da morte da tua mãe. Sendo tu a única criança, não o conseguiste perceber. Precisavas que não colapsassem, para que te pudessem sustentar. Fizeram o melhor que podiam, mas tu precisavas de mais, por isso começaste a procurar formas de chamar a atenção.

O teu irmão mais velho fumava. Encontraste uma lata de tabaco velha, enrolaste pontas de lápis em papel e inventaste uma marca de cigarros. Chamaste-lhes «Janotas: o cigarro para o fumador sofisticado». Fizeste disso um número e toda a gente achou graça. Os miúdos mais velhos continuavam a encostar-te à parede e a roubar-te coisas, mas também eles, por vezes, se deixavam encantar.

Sentes-te vulnerável, frágil, demasiado susceptível ao acaso do mundo. Já aprendeste, e bem, a controlar o perímetro, a detectar

o perigo, a verificar se tens contigo tudo o que precisas. Acabaste de te mudar da cidade natal para Sydney e essas competências vão dar-te jeito.

Não penses que me esqueço daquela vez em que voltaste a Newcastle e dormiste no sofá de um antigo colega em vez de ires visitar o teu pai. Não penses que me esqueço de quando estavas à rasca de dinheiro e vendeste um saco de erva a alguém que pensavas já ter deixado para trás. Ele queixou-se que aquilo não valia os cinco paus. Disseste-lhe que era pegar ou largar. Ele pegou, mas mandou os amigos mais velhos irem atrás de ti, meterem-te no carro e obrigarem-te a enrolar os cinco charros da praxe, sob pena de consequências. E enrolaste-os. Sangue-frio sob pressão. E depois tudo foi esquecido. Amigos outra vez, a fumar juntos no carro. Esses falhados que se fodam. Nunca mais vais viver no mundo deles.

Little Richard saiu de Macon, na Geórgia, e meteu-se numa vida de estrada, a actuar. Filho de um pastor que também era dono de uma discoteca. Cresceu dentro da religião. Aquilo que mais amava era a energia extasiante e inspiradora da igreja. A sua intensidade, aquela alegria e entrega delirantes num mundo racista de penas, pobreza e polícia. Nada que ver com a tua educação, embora talvez tenham uma coisa em comum.

Agora estás de volta a casa para mais uma breve visita a Newcastle, de volta àquela cidade portuária de aço e carvão, com o seu fumo denso e as suas praias sinuosas. Fizeste bem em teres bazado assim que acabaste o secundário. Precisas de uma cidade grande o suficiente para te soltares. Queres que a tua vida seja wildiana e singular. Camarada, não fazes ideia.

Não vais ouvir, mas mesmo assim quero falar contigo. Talvez até precise disso. Preciso de arranjar maneira de chegar a esse rapaz adolescente e magricela. Rapaz? Homem? Aí é que está a questão. Ou uma parte dela. Refugias-te na androginia. Aquela fotografia da Patti Smith na capa do *Horses* é o teu ícone. O cabelo comprido, os *jeans* e as botas de rapariga. Com a tua estatura franzina, confundem-te muitas vezes com uma rapariga e gostas disso. Foges do que essas situações parecem sugerir. Desvias-te para outro lado qualquer, para as ambições, a política, a escrita e algumas distracções menos felizes.

O problema dos desvios é que nunca consegues ver o que vem a seguir à curva.

Os desvios hão-de acontecer durante muito tempo. Talvez demasiado. E se parasses de te desviar? Ou melhor, se te desviasses de outra maneira? Imagina que há correntes de linhas do tempo paralelas, alternativas, em que sais do armário enquanto mulher trans aos quarenta, aos trinta, ou agora mesmo. Em algumas dessas linhas do tempo, eu não estou aqui no teu futuro para te escrever. Nesta, mantivemo-nos em segurança, à espera do momento certo para podermos sair do armário e sobrevivermos.

Little Richard tinha de sair, por isso inventou o *rock and roll*. A batida pulsante, o baixo vibrante, a comunhão extática. Uma alegria quase religiosa, sem sacrifício. Por vezes actuava em *drag*, como Princess Lavonne. Ele — ou ela — era tão diferente de ti, mas talvez nisto fosse um pouco parecida. Como tu, ela amava as mulheres que queria ser. Ela era uma rapariga e talvez, de alguma maneira, o soubesse. A única saída era o desvio para o *rock and roll*, a sua arte.

(PARA MCKENZIE)

Tu já suspeitas: a tua poesia é má. Desiste disso. A prosa é a tua cena. Tens só demasiada preguiça para preencher uma página inteira. Afinal, quase só lês prosa, grande parte vinda da biblioteca da tua mãe, já morta. Muitos livros de bolso baratos da Penguin com obras-primas do modernismo. Lês os modernos para te tornares moderne. Toda uma educação social-democrata naquelas páginas amarelecidas e descamadas, como se estivesses numa corrida para as leres antes que o ácido corroa o papel.

Tens uma conta-corrente na livraria Ell's, embora por vezes também lá roubes livros, mas isso é outra história. A ficção científica capta a tua atenção quando cria aquele sentimento moderno de estranhamento em relação ao que dela se espera. Muito do que lês é mau, mas há algo na leitura que te tira deste mundo e te transporta para outro qualquer, e isso satisfaz-te uma necessidade.

Regra geral, a escola era uma seca, por isso lias por tua conta. A tua outra fonte de livros, e não só, é a secção local do Partido Comunista da Austrália. As camaradas: as nossas maravilhosas mentoras. Ainda hoje sei como conduzir uma reunião eficaz. O teu comunismo, como tudo o resto, é mais sentido do que pensado. Acerca do sofrimento da tua mãe, não podias fazer nada; acerca do sofrimento do trabalho, não tem de ser tão inevitável como a morte.

Little Richard estava em digressão na Austrália quando o satélite soviético *Sputnik* cruzou o céu num arco brilhante. Uma esfera de alumínio deixando um rasto de bipes tecno na rádio de onda curta. Aquilo pareceu um sinal, um presságio. Era um chamamento. Algo teria de ser sacrificado naquele mundo em guerra

fria, cuja iminente contenda ganhava proporções bíblicas. E esse sacrifício seria oferecido por Little Richard, aqui mesmo na cidade onde nasceste.

Na sede distrital do partido estavam pendurados dois retratos: Marx acompanhado por Lénine, suspensos por dois de três pregos. No terceiro prego, à mostra, estivera Estaline. Do lado oposto: um cartaz vibrante da camarada Angela Davis. Como numa capela, ela ocupa o lugar da mãe, a encarar o pai, o filho e o espírito santo. Um dos quais soltara-se já dos pregos.

Quando os tanques soviéticos rolaram Checoslováquia adentro em 1968, o partido dividiu-se, como em todo o lado, em facções pró-tanques e anti-tanques. Nesta rara ocasião, os anti-tanques, aqueles que denunciaram a Rússia por invadir outro estado socialista, prevaleceram. O partido tornou-se numa mistura de velha e nova esquerda, obrigadas a conviver pelas regras do centralismo democrático.

As camaradas continuaram solidárias com a revolução, mesmo sabendo, no fundo, que somos um povo derrotado, uma causa perdida. Ainda assim, pelo menos recusaram-se a ceder, a resignarem-se. Talvez por isso tenham sido apenas elas, as camaradas, que aceitaste como tuas veteranas. E é por isso que ainda as trago no coração, que ainda escrevo para transmitir a sua infindável luta por vir.

Quando a União Soviética invadiu o Afeganistão em 1979, as veteranas locais do partido confiaram-te a missão de conduzir o debate na reunião de secção. Tu reiteraste a posição do partido, condenando-a. E abriste uma nova ferida em quem se lembrava

de quando os tanques soviéticos entraram em Praga ou, antes disso, em Budapeste.

Soubeste da invasão pelo rádio do carro, a conduzir à noite por uma estrada rural escura, quando saías da casa da tua irmã no campo e regressavas a Sydney. Depois das notícias, o carro foi abaixo. Deixou simplesmente de funcionar, e numa curva sem visibilidade. O sistema eléctrico, morto. De olhos na luz brilhante no horizonte, o teu primeiro pensamento foi: pronto, acabou-se. Guerra nuclear. Sydney foi-se. Os sistemas eléctricos do carro queimados pelo impulso electromagnético. Deixaste-te ficar com aquele pensamento durante um bocado. Depois, começaste a duvidar. A lanterna ainda funcionava, por isso saíste do carro e abriste o capô. Tinha-se soltado um cabo da bateria.

Tornaste-te o repositório de inúmeras histórias. As camaradas carregavam as cicatrizes de uma série de derrotas, algumas histórico-mundiais: a Guerra Civil Espanhola, o Estalinismo, a ruptura sino-soviética, o massacre do partido e muitos outros na Indonésia, o falhanço da Nova Esquerda, os golpes contra Nkrumah no Gana e Allende no Chile. Outras mais locais, como a tentativa falhada de greve geral convocada pelo partido em 1948, e a perda de uma parte do seu considerável poder no movimento sindical nas décadas da Guerra Fria. Sentiste tudo isto de forma pessoal.

Também ouviste falar de lutas mais locais. De como o transporte marítimo costeiro foi sindicalizado: no último minuto, à força de punhos. De como o partido lutou contra os despejos durante a depressão, destruindo as propriedades que os oficiais de justiça

vinham penhorar. Ou de como Bob Hawke, futuro primeiro-ministro, a cair de bêbedo, mijou debaixo da mesa num evento do 1.º de Maio na Sala Namatjira do Newcastle's Worker's Club.

Desvias-te de ti mesme através da política, e segue-se o desvio dentro do desvio, o da arte política. Uma reviravolta previsível para alguém como tu, rebelde da pequena burguesia. Um encontro acidental com a *História do Surrealismo* de Maurice Nadeau estabeleceu um momento crucial na tensão entre as revoluções política e estética. Vais à procura dessa confluência.

Foste a primeira pessoa do teu liceu a entrar na cena do *punk rock* no Grand Hotel em Church Street, a mesma rua onde ficava o *atelier* de arquitectura do teu pai. Só havia uma banda de jeito, os Pel Mel, que tocavam todos os fins-de-semana. Ainda tenho em mim algumas das suas músicas.

É no espaço entre o radicalismo político e estético da nossa antiga cidade natal que encontras o Glenn Hennessy. Apenas uns anos mais velho, quer foder-te e tu sabes disso. Mas também se preocupa contigo, leva-te a sério como alguém que lê, que pensa. Prepara-te refeições para acompanhar a conversa. O Glenn é *gay* e aborígene, e está a abrir-te um pouco os olhos para ambos esses mundos. Faz o favor de o estimares mais.

«Serei *gay*?», perguntas-te. Certo, algumas pessoas são e pronto; mas para outras, para ti, o eu pode ser uma série de coisas e pode mudar. Talvez não haja mesmo mais nada além de ficção e propriedade a sustentar o eu através do tempo.

Sei que vais compreender esta última frase. Já leste o suficiente de Marx para perceberes como a propriedade tudo molda e

organiza. Estás a aprender francês a traduzir Rimbaud e conseguiste resolver a frase «Je est un autre»: «Eu é ume outre», a entidade da alteridade. Juntes através das décadas, vamos alterar, aperfeiçoar e amplificar estas descobertas. Só a ficção e a propriedade contêm o eu e o enlaçam a uma linha que segue pelo tempo.

Mas se isso não é verdade, poderíamos sequer sabê-lo?

Enfim, o Glenn não é o primeiro nem será o último homem a querer foder-te. Sabes que és vulnerável a esta atenção que às vezes é benigna, outras não. Precisas de sentir-te viste, sentir-te segure. Também precisas de sentir-te feminine. Há maneiras de explorares esta necessidade e nem sempre saberás como obter o que precisas destas transacções.

Não vou dizer que és uma rapariga, ou que sempre foste. Já andas a ler memórias de transexuais à socapa e não te revês nessa história de «ter nascido no corpo errado». Sentes que o teu corpo é já um corpo de rapariga. Claro que invejas os corpos de outras raparigas, a curva da anca ou da mama, mas montes de miúdas sentem o mesmo. Sentes que é o teu eu que é demasiado masculino, não o teu corpo. O género está incluído nas propriedades que vinculam.

Talvez algumas pessoas transexuais «sempre soubessem», mas tu não. Estás sempre a esquivar-te, a tropeçar às cegas pelo género.

«Esqueci-me» desta história durante bastante tempo. Pergunto-me se já a expulsaste da memória:

As primeiras mulheres trans que conheceste eram prostitutas de rua. Ou assim o entendeste. O que é que viste quando as viste?

